



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

**NEUTRALIDADE RELIGIOSA NO ESTADO LAICO:
UM OLHAR A PARTIR DE HERMAN DOOYEWEERD**

Brasília-DF

2018

DAVID BRUM SOARES

**NEUTRALIDADE RELIGIOSA NO ESTADO LAICO:
UM OLHAR A PARTIR DE HERMAN DOOYEWEERD**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciência Política da
Universidade de Brasília – UnB, como requisito
para obtenção do título de bacharel em Ciência
Política.

Brasília-DF

2018

RESUMO

Este trabalho tem por base o pensamento filosófico de Herman Dooyeweerd, um filósofo do séc. XX que foi parte de um movimento político holandês – o neocalvinismo. A principal tese de Dooyeweerd é que não há e nem pode haver neutralidade religiosa no pensamento humano. A religião é vista como a raiz do pensamento humano, e não simplesmente uma parte dele. O objetivo deste trabalho é aplicar a filosofia de Dooyeweerd à ideia de Estado Laico. Pretende-se, dessa forma, trazer as contribuições deste autor para o debate que abrange os limites da religião na política. Utiliza-se tanto fontes primárias como secundárias. Esse estudo inclui também algumas observações e desenvolvimentos dos seguidores de Herman Dooyeweerd. Conclui-se que apesar de não haver neutralidade religiosa, é possível haver um convívio pacífico de visões de mundo distintas dentro da sociedade.

Palavras-chave: Dooyeweerd, Religião, Política, Neutralidade religiosa.

ABSTRACT

This paper is based on the philosophical thought of Herman Dooyeweerd, a philosopher of the 20th century which was part of a Dutch political movement – the neocalvinism. The Dooyeweerd's main thesis is that there is no religious neutrality in human thought and neither could be. Religion is seen as the root of human thought, and not simply part of it. The purpose of this paper is to apply Dooyeweerd's philosophy to the idea of Secular State. It is intended, therefore, to bring the contributions of this author for the discussion about the limits of religion in politics. It is used both primary and secondary sources. This study includes some observations and developments of Herman Dooyeweerd's followers as well. This paper concludes that although there is no religious neutrality, it is possible to exist a peaceful relationship of distinct world views on society.

Key words: Dooyeweerd, Religion, Politics, Religious neutrality.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Santíssima Trindade por toda a sua graça que permeia a minha vida. Ao nosso bom Criador que fez todas as coisas boas para refletir o seu ser. À obra de Cristo Jesus que me redimiou dos meus pecados. À constante obra do Espírito Santo no meu coração. Sem Deus eu certamente não seria capaz de realizar este trabalho.

Agradeço à minha querida mãe e ao meu pai que me apoiaram durante todos esses anos na faculdade. Agradeço ao meu irmão por não me atrapalhar tanto durante os meus estudos.

Agradeço à Jennifer Bandeira por me auxiliar durante essa última etapa do curso, por ter me alegrado e estado ao meu lado. Agradeço ao Guilherme Cordeiro por ter sugerido algumas mudanças e recomendado textos oportunos para este trabalho.

Agradeço ao meu orientador Prof. Márcio Gimenes por, primeiramente, ter aceitado a tutoria deste trabalho, e também por sempre apresentar críticas construtivas quando necessárias.

Agradeço à Sociedade Cristã Acadêmica (SCA) e ao Núcleo de Vida Cristã (NVC) por terem me capacitado durante todos os anos da minha graduação para realizar este trabalho, tanto direta quanto indiretamente.

Agradeço à minha igreja IBAN por todas as orações e apoio recebido desde a minha conversão até os dias de hoje. Tanto da liderança quanto dos membros e jovens.

Agradeço à Strategos por todo aprendizado que adquiri desde que entrei. Certamente o meu conhecimento técnico foi aperfeiçoado pelos projetos no qual participei.

“Não há um único centímetro quadrado em todos os domínios da existência humana sobre o qual Cristo, que é o Soberano sobre tudo, não clame: é meu!”

(Abraham Kuyper)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Metodologia.....	3
1. HERMAN DOOYEWEERD: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO	4
2. UMA CRÍTICA DO PENSAMENTO TEÓRICO.....	8
2.1. Os aspectos modais	8
2.2. O pensamento teórico	11
2.3. Problemas do pensamento teórico	13
3. O HOMEM COMO SER RELIGIOSO.....	17
3.1. Religião, segundo Dooyeweerd.....	17
3.2. A tendência religiosa do eu	19
3.3. Ideologias como religiões	20
3.4. A relação entre fé e razão	20
4. A INTERPRETAÇÃO DE DOOYEWEERD SOBRE AS RAÍZES DA CULTURA OCIDENTAL.....	24
4.1. Tradição Grega.....	24
4.2. Tradição Tomista.....	25
4.3. Tradição Humanista	27
4.4. Tradição Neocalvinista	27
5. UMA TEORIA NÃO REDUCIONISTA DA SOCIEDADE E DO ESTADO	30
5.1. A Sociedade, segundo Dooyeweerd	30
5.2. O Estado, segundo Dooyeweerd.....	33
6. A LAICIDADE DO ESTADO	35
6.1. O problema do Estado confessional.....	35
6.2. Cinco visões sobre o papel da religião na esfera pública.....	36

6.3. Pluralismo de princípios	37
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

As perspectivas acerca das questões que dizem respeito à política estão intrinsicamente ligadas às premissas filosóficas. Os filósofos têm debatido há séculos sobre questões últimas que para muitos são apenas pensamentos abstratos, porém as respostas que damos a essas perguntas influenciam diretamente na nossa visão de mundo e, conseqüentemente, o jogo político.

Por trás de toda ideologia e motivações políticas há uma estrutura de pensamento racional. E ela simplesmente não surgiu *ex-nihilo*, pelo contrário, se formou a partir de um longo processo de estudo e reflexão do próprio indivíduo. Além disso, nós não podemos escapar do espírito da nossa época e, com frequência, nos surpreendemos com o tanto que somos influenciados pela nossa cultura.

Quando um partido ou uma bancada no Congresso lutam por alguma causa específica, como a questão do aborto, questões de gênero e raça, ou até mesmo políticas tributárias; eles fazem isso se baseando em seus pensamentos teóricos. Este é o produto de um esforço racional para explicar a realidade como ela é, de acordo com as evidências encontradas.

A premissa do pensamento teórico é que ele nos dá um acesso privilegiado que o senso comum não é capaz de oferecer. Assim, apenas com o ele é que podemos ter a confiabilidade para explicar o objeto de estudo por ele ser puramente racional.

Herman Dooyeweerd (1894-1977), um filósofo holandês, construiu justamente uma crítica a essa pretensa autonomia do pensamento filosófico. Para o autor, “toda filosofia tem pressuposições religiosas, não teóricas, sem as quais ela não se realiza.” (KALSBECK, 2015, pág. 10). Além disso, a realidade precisa ser reduzida para que possa ser estudada por meio da atitude teórica e, dessa forma, esta não é capaz de explicar o todo.

Dooyeweerd apresenta a ideia da diversidade de aspectos modais que estão presentes no nosso mundo. Esses modos são a forma na qual podemos experimentar os eventos temporais.

A crítica de Dooyeweerd significa dizer que a atitude teórica, ao examinar um objeto de estudo, reduz todos esses aspectos modais a apenas um. Então, podemos analisar um copo, por exemplo, a partir de uma percepção física, observando as dimensões de peso, altura e densidade; ou podemos analisar pelo aspecto estético,

enfatizando os detalhes e beleza que o copo possui; é possível ainda avaliar o valor econômico que ele possui. E pode-se continuar por outros aspectos modais.

O problema é que a atitude teórica nunca será capaz de analisar o objeto como um todo. Na nossa experiência comum, nós experimentamos o objeto como um todo unificado e não simplesmente o aspecto econômico dele, por exemplo. Dessa forma, ele faz essa diferenciação entre o pensamento teórico e a experiência ingênua. Para Dooyeweerd, então, este seria o grande problema do pensamento ocidental.

Guilherme de Carvalho diz que o “materialismo, logicismo, psicologismo, sociologismo, historicismo, formalismo jurídico, moralismo, fideísmo – os diversos ismos – são explicações absolutistas e mutuamente irreconciliáveis.” (DOOYEWEERD, 2010, pág. 29). Isso significa que, ao tentar explicar o mundo por meio das teorias, o filósofo absolutiza algum aspecto modal.

Para explicar o porquê que isso acontece, Dooyeweerd apontará para o *eu*. A resposta está no ser-humano. Ele diz que o “ego humano não é nada em si mesmo” (DOOYEWEERD, 2010, pág. 78). Assim, ele busca conteúdo fora de si – no horizonte temporal. Isso seria um impulso religioso inato do homem. E a partir disso, Dooyeweerd defenderá a impossibilidade da neutralidade religiosa no pensamento.

O homem busca conhecer o mundo e ele mesmo como realmente são. Para isso, é necessário que ele use a atitude teórica para aprofundar este conhecimento, sendo que esta reduz a realidade a apenas uma modalidade. Como o homem não é nada em si mesmo, ele busca um sentido e conteúdo fora de si. E é isso que gera a absolutização modal. Alguma modalidade será absolutizada e causará uma tensão com as outras.

Para Dooyeweerd, então, religião não seria uma área da vida humana, mas sim a raiz dela. É ela que confere a direção na qual a pessoa baseia a sua vida como um todo. De acordo com o filósofo a religião é “o impulso inato do eu humano para direcionar-se rumo à verdadeira, ou uma simulada, origem absoluta de toda a diversidade temporal do sentido” (DOOYEWEERD, 1984, VOL. I, pág. 57).¹

Diante disso, percebemos a importância de se pensar numa política que não presuma uma imparcialidade por parte dos atores, ideias e instituições políticas. Como pensar a laicidade do Estado visto que é a religião que direciona o pensamento

¹ Todas as traduções desta obra foram de minha autoria.

teórico? Qual a relação entre a religião e a política? E como pode haver diálogo nessas circunstâncias?

Metodologia

Para alcançar o objetivo proposto, pretendo realizar uma revisão bibliográfica das obras de Herman Dooyeweerd: “No crepúsculo do pensamento ocidental”, “Raízes da cultura ocidental”, “Estado e Soberania”, “The secularization of the State” e o Volume I e III do “A New Critique of Theoretical Thought”.

Apresentarei também a forma que os autores influenciados por ele desenvolveram a sua filosofia: como Roy A. Clouser, David T. Koyzis, L. Kalsbeek, Jonathan Chaplin, Robert D. Knudsen, Hebden E. L. Taylor e Guilherme de Carvalho. Também há espaço para mencionar reformadores que precederam esses autores, que influenciaram o pensamento de Dooyeweerd.

É importante contextualizar a vida e influências do autor. Dessa forma, apresentarei primeiro uma breve descrição de Herman Dooyeweerd e o movimento na qual ele fez parte.

Após isso, começarei expondo a crítica que Dooyeweerd faz ao pensamento teórico. Apresentando a ideia dos aspectos modais e como as teorias reduzem a realidade. Após essa discussão, levantarei os problemas causados pela atitude teórica na experiência humana.

Em seguida, tratarei sobre o caráter concêntrico do *ego* humano e sobre a tendência religiosa que o homem possui. A partir disso, apresentarei a definição de religião e qual o papel dela na vida e pensamento das pessoas.

Dooyeweerd também analisa como esse processo de absolutização ocorreu ao longo da história ocidental. Ele faz uma análise desde os tempos socráticos, passando por Agostinho, Tomás de Aquino e, por fim, a modernidade. Além de apresentar as consequências de cada uma dessas visões de mundo.

Por último, buscarei aplicar as conclusões desse estudo na ideia de Estado Laico. Dooyeweerd não conclui a sua filosofia dizendo que não há como haver diálogo entre cada filosofia. Apesar de cada um absolutizar um aspecto modal, há a possibilidade de um terreno comum entre esses mundos diversos.

É importante dizer que este trabalho tem o objetivo de ser descritivo. Não pretendo convencer o leitor a partir de argumentos profundos e os contra-argumentos de Dooyeweerd às suas críticas.

1. HERMAN DOOYEWEERD: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

Herman Dooyeweerd (1894-1977), filósofo holandês, foi um dos maiores frutos do Movimento Nacional Holandês. Sua influência repercute até hoje e tem sido base para influentes autores no âmbito cristão reformado.

Dooyeweerd foi filho de missionários cristãos: Hemen Dooijeweerd e Maria C. Spaling. O pai foi um fervoroso seguidor das ideias do reformador neocalvinista Abraham Kuyper (1837-1920). Assim, Dooyeweerd cresceu sobre forte influência dele, e é necessário compreender a importância desse movimento para a formação de Dooyeweerd. Segundo Guilherme de Carvalho:

O neocalvinismo foi um movimento protestante de reforma cultural e religiosa, na Holanda, que procurou interpretar a visão reformada calvinista do mundo e da vida em um contexto moderno e de reestruturação nacional às pressões ideológicas da revolução francesa e do imperialismo bonapartista.” (CARVALHO in DOOYEWEERD, 2010, pág. 7-8).

O movimento foi iniciado por Guillaume Groen Van Prinsterer (1801-1876), um aristocrata e historiador. Porém, foi por meio de Kuyper que o movimento se popularizou e começou a dominar a vida cultural e política da Holanda no final do século XIX e início do século XX (CARVALHO in DOOYEWEERD, 2010, pág. 8).

Abraham Kuyper foi um pastor protestante, educador, autor, editor e político holandês. Ele serviu tanto em áreas tão diversas que poucos poderiam se comparar a ele nesse empreendimento (KUYPER, 2018, pág. 185). No início do século XX, Kuyper foi escolhido para o cargo de primeiro-ministro da Holanda.

Apesar da sua fé estritamente ortodoxa, Kuyper expandiu a fé cristã para além da teologia e igreja, enxergando-a como uma visão de mundo. O que contrastava com outros focos calvinistas no Ocidente, como na América do Norte, que voltavam as suas atenções para questões teológicas. Koyzis diz que para Kuyper e seus seguidores, “ser reformado significava assumir um compromisso com o desenvolvimento e a aplicação prática de uma cosmovisão marcadamente cristã, que incluía a política e outras áreas culturais e sociais.” (KOYZIS, 2014, pág. 274).

Por causa da sua noção da pluralidade de associações – a chamada soberania das esferas, ele defendeu uma série de reformas no país. Uma delas foi a criação de uma universidade independente tanto do Estado como da Igreja – a Universidade Livre de Amsterdã (RAMOS in DOOYEWEERD, 2014, pág. 19).

De acordo com ele, a sociedade possui diversas esferas nas quais os diversos aspectos da sociedade se encaixam como, por exemplo, o Estado, as famílias, as escolas, as empresas, as artes, entre outros. O cerne da tese de Kuyper é que:

a sociedade é pluriforme, ou seja, é formada por uma variedade de agentes responsáveis, tanto comunais como individuais, cujos âmbitos legítimos de atividade se fundamentam imediatamente na soberania maior de Deus e operam dentro dos limites normativos neles colocados pelo próprio Deus. (KOYZIS, 2014, pág. 282)

Kuyper viu as consequências que o Iluminismo causou ao disfarçar o olhar científico e racional sobre a natureza e sociedade como se ele fosse religiosamente neutro. Para ele, no entanto, “toda visão de mundo tem como raiz uma inclinação religiosa, seja negativa, seja positiva.” (RAMOS in DOOYEWEERD, 2014, pág. 19).

Essa ideia não foi originária do movimento neocalvinista. Porém, foram eles que, a partir de um ressurgimento do interesse pela reforma calvinista, popularizaram e aprofundaram a ideia de que não há uma neutralidade religiosa no pensamento (OLIVEIRA, 2006, pág. 77).

A partir disso, Kuyper disse: “Não há um único centímetro quadrado em todos os domínios da existência humana sobre o qual Cristo, que é o Soberano sobre tudo, não clame: é meu!” (CARVALHO in DOOYEWEERD, 2010, pág. 18). Assim, Kuyper quer dizer que a religião não ocupa apenas um “compartimento” da vida, mas que ela influencia todas as áreas da vida da pessoa.

Tanto Kuyper quanto Herman Bavinck (1854-1921), sucessor de Kuyper na cadeira de dogmática na Universidade Livre de Amsterdã, foram muito importantes ao contribuírem para a formação dos princípios gerais do neocalvinismo. No entanto, eles não conseguiram desenvolver as suas cosmovisões na forma de um sistema teórico. Essa sistematização em um corpo filosófico consistente e unificado só surgiria com Dooyeweerd e seu cunhado Dirk Hendrik Theodoor Vollenhoven (1892-1978) (OLIVEIRA, 2006, pág.5-6).

Além do neocalvinismo holandês, Dooyeweerd foi influenciado por outro movimento da sua época: a filosofia alemã – mais precisamente a fenomenologia e o neokantismo. No início do século XX, houve um ressurgimento da filosofia de Immanuel Kant (1724-1804) com o neokantismo. A Universidade Livre foi bastante influenciada por esse ressurgimento (CARVALHO In DOOYEWEERD, 2010, pág. 22).

Dos temas importantes que Dooyeweerd se apropria do neokantismo, Guilherme de Carvalho destaca a noção de “crítica transcendental”. Essa ideia diz que “o pensamento deveria examinar criticamente as suas próprias estruturas, compreender seus limites e descrever as condições de possibilidade do conhecimento humano” (CARVALHO In DOOYEWEERD, 2010, pág. 22-23).

Por fim, Dooyeweerd reconhece que a fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) também foi influente para a construção do seu pensamento. Dooyeweerd, assim como Husserl, rejeita qualquer tipo de reducionismo. O método de Husserl era um isolamento mental de fenômenos para, assim, identificar sua essência irreduzível. De forma semelhante, Dooyeweerd começou por distinguir os diferentes aspectos da realidade e descrever suas diferenças e como cada aspecto é irreduzível. Além disso, Guilherme de Carvalho diz que tanto:

em Dooyeweerd, como em Husserl, as características das coisas, que abstraímos por meio do pensamento teórico, são reais, “objetivas”, e não meramente “subjetivas” – como em Kant; não haveria a distinção entre “aparência” e “coisa em si” (CARVALHO In DOOYEWEERD, 2010, pág. 25).

É importante saber que o próprio Dooyeweerd reconhece essas influências. Ele mesmo diz: “Originalmente eu estive sob forte influência, primeiramente da filosofia neokantiana, e depois da fenomenologia de Husserl.” (DOOYEWEERD, 1984, VOL. I, pág. V).

O objetivo de Dooyeweerd, no entanto, era construir uma filosofia cristã. Isso pode parecer contraditório, pois ele estaria confundindo o conhecimento científico com a religião. E se a filosofia é capaz de se salvaguardar de influências religiosas, então essa ideia de filosofia cristã é equivocada (KALSBECK, 2015, pág. 47).

Porém, Dooyeweerd afirma que percebeu os erros cruciais dessas filosofias ao entender a raiz religiosa do pensamento como sendo no coração – não na razão:

A grande virada em meu pensamento foi marcada pela descoberta da raiz religiosa do próprio pensamento, quando também uma nova luz foi lançada sobre a falha de todas as tentativas, incluindo a minha própria, de estabelecer uma síntese interna entre a fé cristã e uma filosofia que fosse radicada na fé da autossuficiência da razão humana.

Eu cheguei a entender o significado central do coração repetidamente proclamado nas Santas Escrituras como sendo a raiz religiosa da existência humana. (DOOYEWEERD, 1984, VOL. I, pág. V).²

Dooyeweerd tentava construir uma filosofia cristã a partir de filosofias que se baseavam puramente na razão, o que ele chama, posteriormente, de filosofias imanentistas. Porém, ele argumenta que a filosofia puramente racional não pode existir. De acordo com Kalsbeek, “o pensamento filosófico não é autossuficiente; pelo contrário, é dependente de uma decisão religiosa” (KALSBECK, 2015, pág. 47). E, assim, o pensamento filosófico transcende a razão.

² Todas as traduções desta obra foram de minha autoria.

Agora, é necessário que compreendamos, mais profundamente, a crítica que Dooyeweerd faz, ao pensamento teórico. Analisaremos primeiro a ideia da diversidade de aspectos na natureza e depois partiremos para as críticas de Dooyeweerd.

2. UMA CRÍTICA DO PENSAMENTO TEÓRICO

A filosofia de Dooyeweerd e, portanto, sua crítica³ às filosofias imanentistas, começa a partir de uma observação do mundo ordinário e sua relação com o pensamento teórico. Infelizmente, afirma o filósofo, a ideia de que há um dogma tradicional de que o pensamento é autônomo de quaisquer pressupostos religiosos. E tal dogma foi o único “sobrevivente” das antigas certezas da filosofia após as duas guerras mundiais (DOOYEWEERD, 2010, pág. 47).

[...] a aceitação da autonomia do pensamento teórico tem sido elevada a uma condição intrínseca da verdadeira filosofia, mesmo sem ser justificada por um exame crítico sobre a estrutura interna da própria atitude teórica do pensamento (DOOYEWEERD, 2010, pág. 48).

Assim, é na própria estrutura interna da atitude teórica, não na má qualidade ou alguma desonestidade de pensadores, que Dooyeweerd baseia a sua crítica. Este dogma também é algo generalizado e que permeia as escolas e correntes filosóficas ocidentais. E, dessa forma, impede um contato real entre elas. A razão de isso acontecer é por causa de divergências supra teóricas (DOOYEWEERD, 2010, pág. 50 e 51).

É proveitoso discernir três modos de pensamento para Dooyeweerd: (1) as pré-teóricas, também chamada de experiência ordinária, é a atitude comum dos seres-humanos de experimentar a realidade em sua totalidade; (2) as teóricas, que abstraem da natureza os objetos a fim de estudá-los com maior profundidade; (3) e as supra teóricas, que excedem os limites teóricos e adentram o campo da fé (SMITH in DOOYEWEERD, 2010, pág. 50).

De modo a entender a crítica da Filosofia da Ideia Cosmonômica, a assim chamada filosofia elaborada por Herman Dooyeweerd, é necessário apresentar como ele enxerga o mundo e como a atitude teórica se relaciona com ele.

2.1. Os aspectos modais

Dooyeweerd entende que apesar de as coisas existirem de formas concretas e unificadas, elas possuem diversos aspectos na qual as pessoas as experimentam. Assim, existem as estruturas de individualidade (objeto, evento, ações, etc.) e os aspectos modais⁴ (a nossa perspectiva sobre uma estrutura de individualidade). Nas

³ Quando Dooyeweerd se refere a uma crítica, não deve ser entendido como uma destruição de tal pensamento, mas como uma delimitação, i.e., a demarcação do limite do pensamento (SMITH in DOOYEWEERD, 2010, pág. 36).

⁴ Dooyeweerd também os chama de “aspectos”, “modos”, “modalidades” ou “esferas modais”.

primeiras a questão sempre se relaciona ao *que*; nos últimos, a questão se relaciona ao *como* (KALSBEEK, 2015, pág. 37 e DOOYEWEERD, 2010, pág. 54).

Para elucidar o que foi dito, Kalsbeek traz um exemplo: “Suponha que eu entre em um museu. O *que* vejo (experimento)? Uma pintura. *Como* a experimento? Eu a acho incrivelmente bela (o aspecto estético do objeto).” (KASLBEEK, 2015, pág. 37) A pintura é uma estrutura de individualidade e a maneira que a experimento é o aspecto modal.

Dooyeweerd, então, apresenta uma lista de quinze modalidades cada uma com o seu núcleo de significado, que é o núcleo que distingue a modalidade das outras. Essas são enumeradas na seguinte ordem:

Tabela 1 – Aspectos modais da realidade

	Aspecto	Núcleo de Significado
15	Pístico	Confiança / crença
14	Ético	Amor / caridade sacrificial
13	Jurídico	Retribuição, juízo
12	Estético	Harmonia
11	Econômico	Alocação frugal
10	Social	Intercurso social
9	Simbólico (ou Linguístico)	Significação simbólica
8	Histórico	Poder de formação cultural
7	Lógico	Distinção analítica ou racional
6	Sensitivo	Sensação e sentimento
5	Biótico	Vida orgânica
4	Físico	Energia / matéria
3	Cinemático	Movimento
2	Espacial	Extensão contínua
1	Aritmético	Quantidade discreta

Fonte: RAMOS in DOOYEWEERD, 2014, pág. 26

Dooyeweerd constantemente afirmava que essa lista de esferas modais estava aberta para críticas e revisões. Originalmente, por exemplo, não existia o aspecto “cinemático”. Ao desenvolver sua filosofia, Dooyeweerd o adicionou porque via que era necessário diferenciar o movimento do aspecto físico. Para acrescentar ou reduzir o número de aspectos é necessário demonstrar respectivamente que um aspecto é diferente ou idêntico ao outro (KALSBEEK, 2015, pág. 33-34).

É importante notar que, como Clouser diz, foram usados adjetivos e não substantivos “para enfatizar que o que está sendo listado são tipos de propriedades e

leis exibidos por coisas e eventos que experimentamos.” (CLOUSER, 2005, pág. 244).⁵

A ordem apresentada na lista acima é proposital, pois ela indica quais os aspectos que são os mais básicos e dão sustentação para os superiores. Assim, “cada aspecto progressivamente superior na escala repousa nos aspectos inferiores na escala. O inverso, no entanto, não é verdade.” (KALSBEEK, 2015, pág. 84). Isso significa que nenhum aspecto “encerra em si mesmo”, ele sempre aponta para os demais (OLIVEIRA, 2006, pág. 86).

Para que não haja confusão a respeito de cada um dos quinze aspectos, é proveitoso elaborar uma breve explicação de cada um deles. A maioria deles possui significados óbvios, mas alguns podem gerar um mal entendimento.

O aspecto *Aritmético* abrange os cálculos de todos os tipos, desde os números evidentes aos cálculos mais complexos. O *Espacial* inclui toda sorte de quantidade espacial que utilizamos. O *Cinemático* envolve os movimentos presentes em toda a realidade. O *Físico* abarca desde as propriedades moleculares até os grandes amontoados de massa física no Universo (KALSBEEK, 2015, pág. 36).

O aspecto *Biótico* engloba toda característica de vida em qualquer ser vivente. O *Sensitivo* cobre as qualidades e leis da percepção e dos sentimentos. O *Analítico* é responsável pelo planejamento detalhado, abstração ou reflexão que o ser-humano realiza (CLOUSER, 2005, pág. 245).

O aspecto *Histórico* pode gerar mal entendimento, pois as pessoas geralmente pensam que é tudo o que aconteceu no passado. Porém, o termo é utilizado praticamente como equivalente a cultural. Dessa forma, ele é a transmissão do poder de formação cultural. Pode ser também entendido como a formação de novas coisas ou até tecnológico (CLOUSER, 2005, pág. 245).

O aspecto *Simbólico* abrange toda a forma de linguagem desenvolvida para descrever algo. O *Social* se refere aos relacionamentos diversos que se encontram na sociedade. O *Econômico* inclui a valoração humana de produtos, bens e serviços. O *Estético* compreende a beleza embutida na realidade (KALSBEEK, 2015, pág. 36).

O aspecto *Jurídico* abarca as normas e leis que se referem ao que é justo. Já o *Ético* trata do que é amoroso e beneficente. Assim, o amor é visto como mais que

⁵ Todas as traduções desta obra foram de minha autoria.

apenas uma emoção, como muitas vezes se é pensado (CLOUSER, 2005, pág. 245-246).

Por fim, o aspecto *Pístico* se refere ao variado grau de confiança que as pessoas depositam em algo ou alguém. Como essa confiança varia tanto, pode abranger tanto credibilidade existente nos relacionamentos sociais como a crença religiosa (CLOUSER, 2005, pág. 246).

Cada estrutura de individualidade possui determinados aspectos. E essa diversidade de aspectos vai depender de cada objeto. Uma pedra, por exemplo, é caracterizada pelos aspectos: (1) aritmético, (2) espacial, (3) cinemático e (4) físico. Uma planta, além desses aspectos, possui o (5) biótico. E um animal possui ainda o (6) sensitivo. Apenas o ser-humano possui todos os aspectos ativamente.⁶ (CLOUSER, 2005, pág. 252).

Toda estrutura de individualidade é governada pela sua *função qualificadora*. Esta é o maior aspecto na qual ela possui ativamente. Numa árvore, por exemplo, a função qualificadora é a biótica. Essa função governa a organização interna e o desenvolvimento da estrutura de individualidade (KASLBEEK, 2015, pág. 156) (CLOUSER, 2005, pág. 267).

Por último, uma propriedade importante a se considerar é a irredutibilidade dos aspectos modais. Nenhum deles pode ser reduzido ao significado de outro aspecto. Oliveira nos dá um exemplo comum:

o núcleo de significado do aspecto da fé não pode ser reduzido ao núcleo de significado do aspecto analítico ou do aspecto sensitivo. Fé é uma função que possui a sua esfera de soberania, e nunca pode ser reduzida à razão, nem às emoções, pois estas funções também possuem suas próprias esferas de soberania (OLIVEIRA, 2006, pág. 86).

Clouser coloca isso da seguinte maneira: “Nenhum aspecto da criação pode ser considerado como o único aspecto genuíno nem tampouco como a fonte de existência de qualquer outro aspecto.” (CLOUSER, 2005, pág. 241)

2.2. O pensamento teórico

Ao separar a realidade em quinze aspectos, Dooyeweerd nunca teve a intenção de dizer que nós a experimentamos separadamente. Segundo o autor, na vida cotidiana, o ser-humano geralmente vivencia a realidade como um todo unificado – a

⁶ Trataremos sobre as funções ativas e passivas mais adiante, na seção 3.3

chamada experiência ingênua⁷. Ela é caracterizada pela maneira integral, contínua e imediata de experimentar os aspectos da realidade (OLIVEIRA, 2006, pág. 86). Dessa forma, quando olhamos para uma flor, observamos os 5 primeiros aspectos da tabela ao mesmo tempo: aritmético, espacial, cinemático, físico e biótico.

O pensamento teórico, no entanto, parte de uma busca por aprofundar o conhecimento específico sobre algum objeto. Clouser argumenta que as teorias (científicas e filosóficas) são caracterizadas por um alto grau de abstração. Possuem, também, métodos de avaliação bastante complexos e sofisticados (CLOUSER, 2005, pág. 63).

Segundo Dooyeweerd, o pensamento teórico “apresenta uma estrutura antitética na qual o aspecto lógico de nosso pensamento é oposto aos aspectos não lógicos de nossa experiência temporal.” (DOOYEWEERD, 2010, pág. 54). A ideia é que o pensamento teórico é uma atividade humana que é qualificada pelo aspecto lógico. Nessa atitude teórica, um aspecto não lógico é abstraído da sua coerência com os demais aspectos. Ao fazer isso, o colocam em oposição ao aspecto lógico com a finalidade de obter um conceito lógico desse aspecto não lógico. O objetivo, então, é obter uma síntese desses dois aspectos (KNUDSEN, 2017, pág. 859) (OLIVEIRA, 2006, pág. 87).

Há, portanto, uma diferença estrutural e qualitativa entre a atitude ordinária e a teórica. Enquanto que na primeira experimentamos um objeto em sua totalidade de aspectos, na segunda nós abstraímos um aspecto para analisar mais profundamente.

Clouser nos fornece dois exemplos para elucidar a questão. O primeiro é o de uma bióloga analisando micróbios através de um microscópio. Ela pode observar o tamanho e forma, a cor, a massa física, e outros aspectos. Porém, todos eles serão entendidos a partir do aspecto biológico dos micróbios. O número da população, a coloração e as diversas formas serão importantes enquanto contribuírem para o entendimento do processo de vida dos micróbios. O segundo exemplo é de um economista olhando para os mesmos micróbios. Ainda que sejam as mesmas características da ilustração anterior, ele os enxergará a partir da economia. O economista está interessado em saber em suas propriedades econômicas (CLOUSER, 2005, pág. 69).

⁷ O termo “ingênuo” não deve ser entendido como pejorativo. Também chamada de pré-teórica ou ordinária.

O problema, diz Dooyeweerd, é que os outros aspectos oferecem resistência ao serem explicados a partir de outro aspecto. Isso é explicada pelo princípio de irreducibilidade. Nenhum aspecto pode ser reduzido ao outro, pois cada um possui leis internas que se distinguem dos outros aspectos (DOOYEWEERD, 2010, pág. 56).

2.3. Problemas do pensamento teórico

Dooyeweerd, então, levanta uma crítica ao pensamento teórico que pode ser dividida em três problemas. É claro que com essa crítica, ele não deseja o fim da atitude teórica. O objetivo de Dooyeweerd é argumentar que não devemos tratar o pensamento teórico como o ocidente o tem tratado – oferecendo-lhe uma autonomia religiosa que ele não possui.

a. A coerência dos diversos aspectos modais

Podemos observar que ao abstrair um aspecto da realidade, o pensamento teórico o separa do seu elo contínuo com os demais aspectos. Criando, assim, uma antítese entre dois aspectos distintos. Já observamos que as coisas existem em mais de uma modalidade. E apesar de cada uma delas terem leis próprias que as governam, há uma relação entre todas as esferas. Cada uma delas é a base para a seguinte. O primeiro problema, então, é que a atitude teórica quebra a continuidade existente na realidade.

Na atitude ordinária, as coisas são experimentadas na totalidade dos aspectos, inclusive quando o objeto não possui tal modalidade. Nos referimos a isso como funções ativas e passivas. As funções ativas são aquelas que a própria estrutura de individualidade possui. A rocha possui funções ativas até o aspecto físico; a planta, até o biótico; e o animal, até o sensitivo (CLOUSER, 2005, pág. 252).

Isso não significa dizer que eles não funcionem em aspectos superiores. As funções passivas significam que o ser humano pode experimentar uma rocha esteticamente – em um jardim, por exemplo. Há também metais que são economicamente importantes para a sociedade (DOOYEWEERD, 2010, pág. 64). Dooyeweerd diz que na atitude não-teórica nós conseguimos experimentar integralmente os aspectos nas estruturas de individualidade graças a essas relações.

Por meio dessas relações essa experiência reúne, em princípio, todos os aspectos modais de uma coisa ou evento em seu elo de coerência contínua no quadro de referência estrutural de um todo individual, sem qualquer dissociação analítica desses aspectos diferentes (DOOYEWEERD, 2010, pág. 66).

Porém, a atitude teórica quebra essa coerência ao separar um aspecto do outro. Dooyeweerd diz que é por causa disso que “as teorias filosóficas modernas não foram capazes de fazer justiça à experiência ingênua” (DOOYEWEERD, 2010, pág. 67). Segundo Dooyeweerd, então, a filosofia moderna encara a atitude ordinária como uma atitude teórica menos crítica, quando existe uma diferença qualitativa entre as elas.

Após realizar essa antítese entre a função lógica do pensamento e os outros aspectos não lógicos, é realizado uma síntese entre os dois para possibilitar um conceito lógico desses aspectos não lógicos (DOYEEWEERD, 2010, pág. 68).

b. A relação entre as experiências teórica e ordinária (ponto arquimediano)

O segundo problema diz respeito ao ponto de partida do pensamento teórico. Dooyeweerd coloca a questão da seguinte maneira: “qual o ponto de referência central em nossa consciência a partir do qual essa síntese teórica pode se iniciar? Essa questão toca o centro de nossa discussão.” (DOOYEWEERD, 2010, pág. 68). Assim, se colocamos dois aspectos distintos em oposição um ao outro como podemos chegar em uma síntese ou ainda, qual o ponto de partida dessa síntese.

Kalsbeek, ao tratar sobre o tema, faz uma analogia com Arquimedes (287-212 a. C.), filósofo grego:

“Arquimedes, em 250 a.C., construiu alavancas com as quais poderia realizar coisas extraordinárias. Ele tinha tamanha confiança na força estupefante dessas ferramentas que, conta a história, declarou que moveria a própria terra de seus fundamentos se estivesse suprido de um ponto de apoio fixo.” (KASLBEEK, 2015, pág. 50).

O problema proposto diz respeito à base fixa (ou um ponto arquimediano) na qual dê o suporte para a partida do pensamento. Dooyeweerd diz ser evidente que esse ponto de partida não pode ser um dos aspectos da relação antitética. Porém, ele também diz que na ordem temporal “não encontramos um ponto central de referência que transcenda a diversidade dos aspectos modais” (DOOYEWEERD, 2010, pág. 69).

Segundo Kalsbeek, há duas formas de encontrar esse ponto de apoio: dentro do próprio pensamento teórico, o que ele chama de ponto de apoio imanente; e fora do pensamento teórico, o ponto de apoio transcendente. Dooyeweerd defende que o ponto arquimediano do pensamento deve ser encontrado fora dos limites do seu pensamento, ou seja, ele é transcendente (KASLBEEK, 2015, pág. 50) (DOOYEWEERD, 2010, pág. 69).

Kalsbeek cita, então, René Descartes (1596-1650). Segundo ele, Descartes argumentava que a base fixa para a busca de conhecimento deve estar além de toda dúvida. Descartes percebeu que ao duvidar ele estava pensando, além disso, ele não poderia duvidar que estava duvidando e, ao fazer isso, ele estava pensando. Assim, concluiu o filósofo: “penso, logo existo”. Para Descartes, então, o próprio pensamento era o ponto de partida para o pensamento (KALSBECK, 2015, pág. 51).

Immanuel Kant (1724-1804) concordaria que o ponto de apoio do pensamento deveria ser encontrado fora da relação antitética. Para ele o ponto arquimediano deveria ser o *eu pensante*, pois não podemos conhecer objetivamente o que está fora de nós mesmos. Dooyeweerd chama isso de *direção concêntrica* do eu – a necessidade de dirigir o pensamento para o *eu* (a autorreflexão) para entender a unidade absoluta da realidade. Para Dooyeweerd, no entanto, Kant também apresentou um ponto de partida no próprio pensamento teórico, mesmo com seu método crítico-transcendental. (DOOYEWEERD, 2010, pág. 71).

É possível colocar o ponto de partida em qualquer aspecto modal. Essa escolha, no entanto, resultará em uma *absolutização* de alguma modalidade. E é essa preferência que determinará o caminho que o filósofo ou cientista vai percorrer. Clouser, por exemplo, dedica uma boa parte do seu livro *The myth of religious neutrality* descrevendo como teorias da matemática, física e psicologia absolutizam determinado aspecto e constroem todo o seu pensamento em cima dele. Voltaremos sobre o assunto de absolutização em breve (CLOUSER, 2005, pág. 131-233).

c. *A origem do ego*

A partir disso, Dooyeweerd irá propor que o único caminho para encontrar o verdadeiro ponto de partida é o da autorreflexão crítica. Assim, como o oráculo de Delfos diz: “Conhece a ti mesmo” nós devemos olhar para quem nós realmente somos para solucionar esse problema epistemológico.

Dooyeweerd critica o pensamento de Kant por transformar o *ego* (ou eu) em *ego pensante*. Segundo o autor, “o *ego* não pode ser determinado por nenhum aspecto modal de nossa experiência, pois é o ponto de referência central ao qual todos os modos de nossa experiência temporal estão relacionados.” (DOOYEWEERD, 2010, pág. 75).

Assim, ele defende que essa direção concêntrica do pensamento não se origina na atitude teórica, mas do eu como um centro único supra teórico (DOOYEWEERD,

1984, VOL. I, pág. 56). Ou seja, existe algo além do pensamento teórico que interfere diretamente nele, pois é a sua base. E que não é encontrado em nenhum dos aspectos modais. Dooyeweerd defende que esse ponto de partida é essencialmente religioso. Ele chama esse ponto de coração, o que seria o equivalente ao *eu* ou *ego*.

Para entendermos o porquê disso é necessário analisarmos o significado de religião para Dooyeweerd e como ela influencia o pensamento humano.

3. O HOMEM COMO SER RELIGIOSO

Religião é um daqueles termos de uso bastante comum, mas que são complicados de se definir. Clouser (2005), dedica a primeira parte do seu livro para elucidar essa questão. É importante fazer o mesmo aqui, pois servirá de base para o argumento de Dooyeweerd e como esse pensamento pode dialogar com o Estado Laico.

3.1. Religião, segundo Dooyeweerd

O ser humano precisa encontrar a origem absoluta da diversidade temporal da realidade para entender o sentido das coisas. E isso é, para Dooyeweerd, uma atitude religiosa. Dessa forma, religião, segundo o autor, seria a confiança absoluta em algo como sendo a origem absoluta da realidade (OLIVEIRA, 2006, pág. 95).

Para entendermos como ele chegou nessa definição é necessário considerarmos outras definições populares de religião. Clouser analisa algumas definições tanto populares quanto acadêmicas do termo. O propósito aqui não será analisar todas, mas apenas apresentar o que é feito.

As primeiras propostas são que, primariamente, as crenças religiosas: (1) fornecem direções morais para a vida; (2) inspirem adoração; ou (3) são crenças em um Ser Supremo. O problema é que existem crenças nas quais consideramos religiosas, mas que não possuem alguns desses pontos (CLOUSER, 2005, pág. 11-12).

Os epicuristas antigos, por exemplo, acreditavam que os deuses não possuíam interesse algum pelos assuntos humanos, assim como a tradição japonesa Shinto ou algumas formas da religião romana antiga. Dessa forma, eles não acreditavam que a religião fornecia direções morais para a vida. Além disso, existem crenças que claramente não são religiosas, mas que possuem ensinamentos morais. Por exemplo, os códigos morais presentes no exército, escolas, associações atléticas, organizações da sociedade civil, e até organizações criminosas (CLOUSER, 2005, pág. 11).

Aristóteles acreditava na existência de um ser supremo, mas que ele seria digno demais para conhecer ou se preocupar com as coisas da terra. Assim, a adoração não serviria para nada. Há também formas de budismo e hinduísmo atuais que não se preocupam com adoração (CLOUSER, 2005, pág. 11).

A terceira proposta parece ser a mais comum de se pensar religião. Porém, nem todas as tradições acreditam em um ser supremo. No hinduísmo, por exemplo, o

divino é caracterizado como não pessoal. O budismo também não acredita em um conceito de Deus, mas é mais radical dando nomes como “vão ou vazio” (CLOUSER, 2005, pág. 12).

Por fim, Clouser apresenta a proposta comum entre os estudiosos da religião em definir religião a partir das semelhanças entre elas. Assim, se entende religião por meio da junção de todas as propostas anteriores e algumas outras. As crenças que tiverem qualquer uma ou mais são religiosas (CLOUSER, 2005, pág. 5).

No entanto, Clouser defende que todas essas crenças religiosas apresentadas são secundárias e não primárias. Assim, a crença em deuses, códigos morais e rituais religiosos, por exemplo, podem ser crenças dependentes de outras crenças primárias. Tradições politeístas como a grega, romana, babilônica possuem relatos de como os deuses dos seus panteões foram criados e, portanto, dependem de algo além deles mesmos (CLOUSER, 2005, pág.17-18).

Em virtude disso, Clouser propôs que uma crença religiosa é “uma crença em algo como divino *per se* não importando como é posteriormente descrito, onde “divino *per se*” significa ter realidade incondicionalmente não dependente” (CLOUSER, 2005, pág.23). Assim, a crença religiosa de uma pessoa seria a sua confiança em algo como sendo auto existente, autossuficiente e a origem de tudo o mais.

Clouser cita autores desde os pré-socráticos até modernos, como Dooyeweerd, para basear essa afirmação. Os pitagóricos, por exemplo, acreditavam que o status de divindade era aquilo que não dependia de nada para existir, e eles concediam isso aos números. Para Platão, as Formas que eram auto existentes. E Aristóteles concordava que o divino é aquilo que é independente e imutável e, portanto, deve ser o princípio primeiro e supremo (CLOUSER, 2005, pág. 20-21).

Os pensadores e as confissões de fé da Reforma Protestante atribuíam esse princípio a Deus. Tanto as Confissões Helvética (1566) como a Belga (1561) afirmam que Deus “subsiste em si mesmo”, é “eterno”, “criador de todas as coisas”, “preservador de todas as coisas”, “imutável e infinito”, “todo poderoso”.

Ulrico Zuínglio (1484-1531), ao tratar da sobre a distinção do Criador e suas criaturas diz que “a fonte de nossa religião é confessar que Deus é o Criador não criado de todas as coisas, e que somente ele tem poder sobre todas as coisas e livremente concede todas as coisas” (ZUÍNGLIO apud SWAIN, 2017, pág. 200)

Martinho Lutero (1483-1546), diz também que o nome *El Shaddai* “indica força e o poder de Deus”, e demonstra que “Deus é poderoso, é autossuficiente, tem poder

sobre tudo, não precisa da ajuda de ninguém, e é capaz de dar todas as coisas a todos” (LUTERO apud SWAIN, 2017, pág. 202).

João Calvino (1509-1564), em seus comentários do livro de Êxodo, faz uma análise do nome de Deus contido em Êxodo 3.14.

Para que corretamente compreendamos o Deus único, devemos primeiro saber que todas as coisas no céu e na terra derivam, pela vontade divina, sua essência ou subsistência daquele que realmente é. De esse ser todo o poder é derivado, porque, se Deus sustenta todas as coisas por sua excelência, governa-as também por sua vontade (CALVINO apud SWAIN, 2017, pág. 203).

Por fim, a definição de Clouser nos ajuda a entender a definição de Dooyeweerd. Para Dooyeweerd, religião é “o impulso inato do eu humano para direcionar-se rumo à verdadeira, ou uma simulada, origem absoluta de toda a diversidade temporal do sentido” (DOOYEWEERD, 1984, VOL. I, pág. 57).

3.2. A tendência religiosa do eu

Isso significa que o ser humano precisa se identificar com a origem absoluta da realidade, a chamada *Arché*. Dooyeweerd diz que isso é necessário por causa do caráter do ego humano. O ser-humano não é nada em si mesmo. Não apenas o homem, mas toda a realidade temporal é nada em si mesma e insuficiente. DOOYEWEERD, 2010, pág. 78). Dessa forma, Dooyeweerd apresenta um conceito de *significado* que não é comumente utilizado:

Significado, como dizemos, incessantemente aponta para fora e além de si em direção à uma origem, que em si mesma não é mais significado. [O Significado] se situa dentro dos limites do relativo. A verdadeira origem, no entanto, é absoluta e autossuficiente (DOOYEWEERD, 1984, VOL. I, pág. 10).

Dessa forma, o ser humano precisa de algo além de si mesmo para a sua autorreflexão. Ele diz que esse algo não é encontrado nem na diversidade de aspectos e nem na relação comunal entre seres humanos (DOOYEWEERD, 2010, pág. 77-80).

Dooyeweerd, como cristão, defende que a origem absoluta de toda a realidade é Deus. Porém, segundo ele, é possível que pessoas identifiquem a *Arché* com algum aspecto da realidade. Assim, o ser humano atribui significado àquilo que não possui significado, mas que é significado. E essa é uma atitude que por natureza é religiosa, pois o homem absolutiza algo que não é absoluto (DOOYEWEERD, 2010, pág. 81-83).

Clouser diz que isso pode gerar duas possibilidades de reducionismos: (1) propor que o aspecto escolhido seja o único aspecto genuíno, o que ele chama de

reducionismo forte; ou (2) que o aspecto escolhido gera todos os outros, o reducionismo brando (CLOUSER, 2005, pág. 186). De qualquer forma, o teórico irá reduzir e explicar a complexa realidade a partir de um aspecto modal.

3.3. Ideologias como religiões

A tese de Koyzis (2014) é particularmente interessante. Ele defende que as ideologias políticas possuem um caráter religioso, pois tentam explicar o funcionamento da sociedade a partir de um aspecto modal. Ou seja, da mesma forma que Dooyeweerd, Koyzis diz que a ideologia cria uma narrativa para explicar os problemas da sociedade, porém, ela faz isso a partir de uma perspectiva reduzida (KOYZIS, 2014, pág. 284-285).

Segundo Koyzis, o socialismo, especialmente o marxismo, tende a realizar um reducionismo econômico da realidade, pois interpreta toda a história da civilização como uma luta de classes econômicas. Enquanto que o Conservadorismo tem a tendência de redução histórica ao ressaltar a importância do processo histórico e o valor do produto dele. O liberalismo, por outro lado, realiza uma redução lógica, pois separa a realidade em partes e superestima a razão (KOYZIS, 2014, pág. 285-286).

Koyzis argumenta que por tentarem explicar o mundo a partir de uma perspectiva reduzida, essas ideologias não são capazes de responder à todas as questões. E pior, quando tentam, erram. No entanto, não significa que estão completamente erradas. Koyzis apresenta no decorrer de seu livro os acertos e erros dessas ideologias segundo a sua visão (KOYZIS, 2014, pág. 227-228).

3.4. A relação entre fé e razão

Então qual seria a relação entre fé e razão para a filosofia Dooyeweerdiana? Clouser cita quatro modelos de se pensar essa razão: (1) irracionalismo religioso, (2) escolasticismo religioso, (3) racionalismo religioso, (4) e a posição neocalvinista. Antes de partir para a próxima parte é oportuno fazer uma breve descrição dessas formas de pensar a fé e a razão, pois nos ajudará a compreender o próximo passo do argumento de Dooyeweerd.

O irracionalismo religioso, como é chamado por Clouser, não significa que todas as religiões são irracionais, mas que a razão e a fé são incapazes de se relacionar um com o outro. Nenhum dos dois é capaz de julgar o outro. A fé nesse sentido é uma confiança racionalmente cega e que não pode ser validade (ou

invalidada) pela razão. A crença religiosa é opcional. Søren Kierkegaard e Friedrich Schleiermacher são filósofos que se identificam com essa visão (CLOUSER, 2005, pág. 89-91).

Tabela 2 – Irracionalismo Religioso

Crença Religiosa	Razão teórica
1. Opcional	1. Religiosamente neutra e autônoma
2. isolado da razão teórica	2. O juiz final na sua esfera

Fonte: CLOUSER, 2005, pág. 89.

O escolasticismo religioso é a posição que entende que existem duas esferas (ou reinos) na vida humana: a natural e a sobrenatural. Há dois tipos básicos de informação: crenças baseadas na razão e crenças entregues pela revelação de Deus e aceitas pela fé. São dois mundos distintos que possuem autoridades em suas esferas (DOOYEWEERD, 1954, pág. 6).

A razão é vista como neutra e é capaz de entender com clareza as coisas naturais. As crenças religiosas pertencem ao âmbito da fé. Porém, as duas esferas se relacionam uma com a outra de maneira harmoniosa. Filósofos como Tomás de Aquino e Agostinho são categorizados nessa posição (CLOUSER, 2005, pág. 99).

Tabela 3 – O Escolasticismo Religioso

Esfera Sobrenatural	A fé aceita a revelação como a autoridade suprema acerca de Deus, da alma e assuntos relacionados.
Esfera Natural	<ol style="list-style-type: none"> 1. A razão é neutra e a autoridade final acerca da natureza 2. A razão harmoniza a religião com as teorias da ciência e filosofia 3. A razão prova a existência do sobrenatural e sistematiza suas doutrinas reveladas.

Fonte: CLOUSER, 2005, pág. 101.

No racionalismo religioso, todas as crenças devem ser submetidas ao julgamento da razão. Além da razão ser autônoma como no irracionalismo religioso, a área de atuação da razão é muito maior. Ela legisla e corrobora até os assuntos da fé. É importante notar que para essa posição a crença religiosa é opcional, ou seja, existem pessoas que não possuem religião. Clouser cita Platão e Bertrand Russel como representantes do racionalismo religioso (CLOUSER, 2005, pág. 93).

Tabela 4 – O Racionalismo religioso

A crença religiosa é:
Uma teoria ou conclusão da razão
Opcional
↑
A razão teórica é:
Neutra
O juiz final em todos os assuntos

Fonte: CLOUSER, 2005, pág. 93.

A posição neocalvinista sustenta que nenhum conhecimento é neutro em relação a religião. Ao contrário das outras posições ele coloca a crença religiosa como raiz da razão teórica. Ela fornece a direção que a razão seguirá. Além disso, a razão é incapaz de decidir sobre todos os assuntos, visto que ela opera em apenas uma modalidade (CLOUSER, 2005, pág. 94-97) (DOOYEWEERD, 1954, pág. 1).

Assim, a crença religiosa não é opcional, todos possuem essa raiz religiosa. A religiosidade é algo natural de cada ser humano e não pode ser dispensada. Ainda que isso aconteça subconscientemente. A fé não é vista como algo oposto da razão, mas como uma parte integral da razão. Clouser cita Calvino e Dooyeweerd como representantes dessa posição. (CLOUSER, 2005, pág. 96 e 98).

Tabela 5 – A posição neocalvinista

A razão teórica é:
Não neutra por causa do controle da crença religiosa
Não é o juiz final
Não é capaz de decidir sobre todos os assuntos

A crença religiosa:
Guia e dirige o uso da razão em todas as áreas da vida

Fonte: CLOUSER, 2005, pág. 96.

4. A INTERPRETAÇÃO DE DOOYEWEERD SOBRE AS RAÍZES DA CULTURA OCIDENTAL

Ao dissertar sobre o pensamento humano, Dooyeweerd frequentemente apresentava uma análise histórica sobre o tema. Assim, é oportuno apresentar como ele interpretava o curso da história do pensamento no ocidente, ou seja, como essas absolutizações aconteceram no curso da história.

O autor argumenta que é possível encontrar motivos base que motivaram e direcionaram o pensamento de uma determinada época. Segundo Dooyeweerd, houve quatro motivos básicos na civilização ocidental: (1) o motivo da forma/matéria, dominante na filosofia grega antiga; (2) natureza/grança, que alicerçou o pensamento do cristianismo medieval; (3) natureza/liberdade, que moldou a filosofia moderna; e o de (4) criação/queda/redenção, que esteve presente no pensamento da reforma protestante e é defendido por Dooyeweerd (DOOYEWEERD, 2015, pág. 253).

4.1. Tradição Grega

O motivo básico da filosofia grega é resultado do encontro de duas tradições religiosas da Grécia antiga: a religião antiga pré-homérica da vida/morte e a religião cultural mais jovem dos deuses olímpicos (DOOYEWEERD, 2010, pág. 90). A primeira era uma religião primitiva de culto à natureza, ou o fluxo orgânico da vida e morte. Carvalho diz que eles deificavam “a dimensão biológica/sexual da experiência.” (CARVALHO, 2006, pág. 126). A religião mais nova cultuava a forma. Ela era centrada na beleza, na harmonia e na forma eterna. E era assim que os deuses viviam (DOOYEWEERD, 2015, pág. 31).

Carvalho diz que os pensadores gregos alternavam entre o motivo da forma e o da matéria. Esse conflito era evidente entre os filósofos jônios, que favoreciam a *matéria*; e os eleáticos, que se fundamentavam na *forma*. Esse conflito encontrou estabilidade apenas em Platão, que pensou no mundo das formas que são as realidades ideais da matéria (CARVALHO, 2006, pág. 127).

Dooyeweerd diz que esse motivo básico de *matéria/forma* influenciou diretamente a vida da pólis.

A cidade-Estado era a condutora da religião cultural grega e, portanto, do ideal cultural grego. Um grego era verdadeiramente humano apenas enquanto cidadão livre da pólis. A pólis dava forma à existência humana; fora dessa influência formadora, a vida humana permanecia envolta na selvageria do princípio da matéria. Todos os que não eram gregos eram bárbaros. Não

eram totalmente humanos, visto que careciam da marca da formação cultural grega (DOOYEWEERD, 2015, pág. 35).

Esse motivo-base estruturou toda a cultura e sociedade da Grécia antiga. Por causa dessa dualidade entre forma e matéria, os gregos viam a necessidade de se educar e buscar compreender as formas harmoniosas. O motivo-básico também justificou a atitude totalitária que a cidade possuía:

Para os gregos, o Estado era a comunidade totalitária que, tendo primeiro feito os homens verdadeiramente humanos por meio da educação cultural, estava, portanto, justificado ao exigir das pessoas a totalidade da vida delas em cada uma das suas esferas (DOOYEWEERD, 2015, pág. 63).

Assim, a cidade-Estado tinha o papel de guiar os desejos sensuais e outros impulsos para o culto das formas ideias.

4.2. Tradição Tomista

A tradição grega foi, no decorrer dos séculos, sendo substituída pelo motivo de natureza/grça. Dooyeweerd diz que Tomás de Aquino tentou acomodar o motivo grego com o motivo bíblico e, assim, formulou um sistema que diferenciava a esfera natural da esfera sobrenatural (DOOYEWEERD, 2010, pág. 96).

Como dito anteriormente, foi atribuído à razão uma autonomia que daria capacidade para o ser humano descobrir as verdades pertencentes à esfera natural apenas por meio da razão. Enquanto que seria necessário a revelação divina para compreender as verdades sobrenaturais. Dessa forma, as crenças religiosas foram confinadas à esfera sobrenatural, enquanto que a filosofia pertencia a esfera natural. Esse motivo sofreu um processo de secularização, dando início ao terceiro motivo da cultura ocidental. (DOOYEWEERD, 2010, pág. 96-97).

As consequências podem ser vistas na maneira que a igreja católica pensa a sociedade. De acordo com Dooyeweerd, os traços principais de Tomás de Aquino sobre a sociedade é derivado de Aristóteles. Essa dualidade entre natureza e grça resultou na exaltação da razão humana nas matérias que compete à natureza (DOOYEWEERD, 2015, pág. 142).

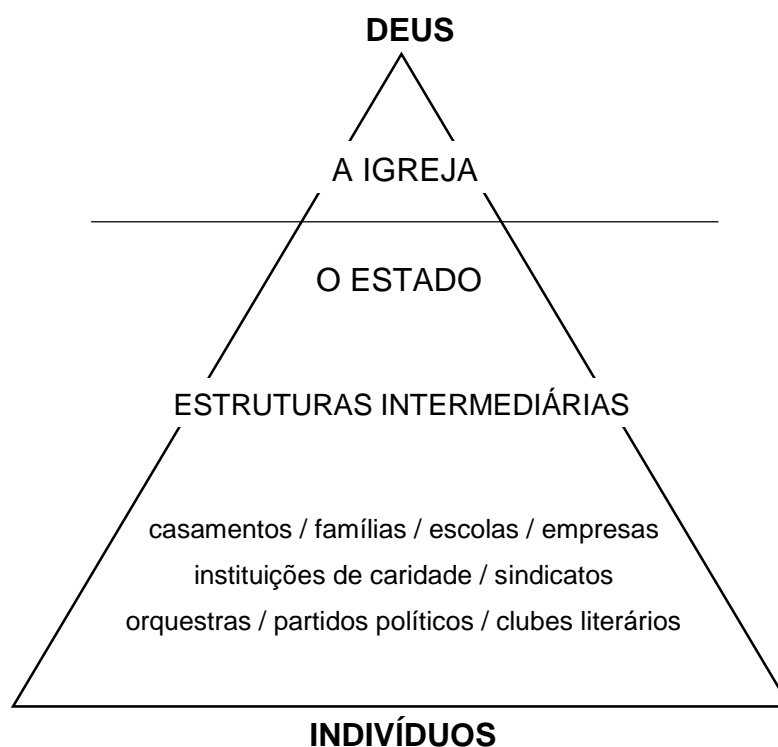
Além disso, Tomás de Aquino via que o indivíduo dependia da sociedade para ajudá-lo a alcançar uma perfeição natural. Ele vê a sociedade nivelada por comunidades maiores e menores. A comunidade mais baixa é a família, que provê as necessidades mais básicas do ser-humano. A comunidade mais alta é o Estado, na qual é a comunidade mais abrangente e perfeita (DOOYEWEERD, 2015, pág. 143).

Aquino entende as demais comunidades como partes do Estado, que é a comunidade mais elevada. O Estado está baseado na disposição racional das pessoas e seu objetivo é o bem comum (DOOYEWEERD, 2015, pág. 143).

Segundo Dooyeweerd, Aquino acreditava que o Estado era necessário para controlar o impulso carnal das pessoas ao aperfeiçoar a racionalidade da natureza humana. Porém, o princípio de subsidiariedade da igreja católica sustenta que essa ajuda das comunidades deve ser feita de baixo para cima. Dessa forma, o Estado só pode intervir se as comunidades mais baixas não conseguirem prover os recursos necessários para os indivíduos (DOOYEWEERD, 2015, pág. 144-145).

O homem, no entanto, possui um propósito sobrenatural, além do seu propósito natural. Por causa disso, é necessário que haja uma estrutura abrangente de caráter sobre natural acima de toda essa estrutura natural. Apenas a Igreja Católica Romana pode dispensar a graça sobrenatural necessária sobre as pessoas. Dessa forma, todas as outras instituições devem submeter os seus propósitos à orientação da igreja. (DOOYEWEERD, 2015, 150-152).

Figura 1 – A ontologia social hierárquica da subsidiariedade



A figura 1 pode nos ajudar a entender o funcionamento da sociedade através do princípio de subsidiariedade. A sociedade pode ser vista como uma pirâmide, com Deus estando no topo seguido pelas várias estruturas sociais embaixo. A igreja é a instituição mais elevada e responsável de cuidar das questões espirituais do povo. O Estado cuida do bem comum e é seguido pelas comunidades subordinadas que possuem papéis diversos na sociedade e que estão mais próximas do indivíduo (KOYZIS, 2014, pág. 265-266).

4.3. Tradição Humanista

O terceiro motivo-base da civilização ocidental é o humanista. Surgiu na Renascença Italiana do século XV. E ele é caracterizado pelos seus dois polos de *natureza e liberdade*. Dooyeweerd diz que este é um motivo de controle. É assumido que o homem é autônomo e livre e busca controlar os poderes naturais, ao mesmo tempo que a natureza é completamente determinada pelas leis universais do movimento mecânico (KASLBEEK, 2015, pág. 56; DOOYEWEERD, 2015, pág. 174).

É possível perceber a tensão dialética que este motivo possuía. Como poderia o homem ser livre e autônomo se ele faz parte da natureza e ela era vista como uma cadeia ininterrupta de causa e efeito? (DOOYEWEERD, 2015, pág. 174-175).

Esse novo motivo logo impactou o entendimento de sociedade e política. Filósofos políticos como Jean Bodin (1530-1596), Thommas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foram proponentes desse período e buscaram entender o Estado a partir do motivo da liberdade (DOOYEWEERD, 2015, pág. 178-193).

A modernidade também via a natureza com novos olhos. Segundo Dooyeweerd, a natureza era concebida como algo “desvinculado e não influenciado por poderes “supranaturais””. Além disso, ele diz: “ a natureza era concebida como realidade no espaço e no tempo e não podia ser completamente controlada pela ciência natural e pela tecnologia” (DOOYEWEERD, 2015, pág. 193). Apenas quando a humanidade dominasse a natureza que ela alcançaria a expressão máxima de liberdade (DOOYEWEERD, 2015, pág. 194).

4.4. Tradição Neocalvinista

O último motivo-base que guiou a civilização ocidental é representado pela escola Neocalvinista. Dooyeweerd o chama de motivo radical bíblico. Ele argumenta

que essa é a maneira correta de se interpretar a Bíblia. Além disso, este motivo é o único que, na visão de Dooyeweerd, não é dualista. Assim, ele é representado pela *criação, queda e redenção* (DOOYEWEERD, 2010, pág. 93), (KASLBEEK, 2015, pág. 56-57).

O motivo da *criação* é a antítese direta do motivo matéria-forma grego e os seus dois princípios de origem. De acordo com a doutrina cristã, antes da criação não havia nada além de Deus. Como vimos brevemente com os reformadores, Deus é quem originou todas as coisas e também as sustém. (KASLBEEK, 2015, pág. 56). “Sendo a origem absoluta, completa e integral de todas as coisas”, diz Dooyeweerd, “não é possível encontrar-se uma expressão de dois princípios contraditórios de origem.” (DOOYEWEERD, 2015, pág. 43).

Esse ponto é particularmente importante para Clouser. A doutrina da Criação revela que não só as coisas materiais foram criadas, mas cada aspecto, lei, propriedade, relacionamento, número ou literalmente qualquer outra coisa deve a sua existência direta à Deus. Isso significa que nenhum outro aspecto origina outro. Deus criou cada um segundo as suas leis e eles são autônomos um ao outro (apesar de possuíram uma relação contínua) (CLOUSER, 2005, pág. 217 e 241).

Na criação o ser-humano é feito à imagem do Criador. Isso resulta em grandes impactos para a antropologia. Uma já mencionada é o caráter essencialmente religioso do homem. A outra é como o ser humano só possui valor ou significado por causa de Deus (KASLBEEK, 2015, pág. 56).

A segunda faceta do motivo bíblico é a *Queda*. Ela se refere ao evento no qual a humanidade (contida em Adão e Eva) se rebelou e desobedeceu ao mandamento de Deus. A doutrina reformada aponta para as grandes proporções negativas que o este evento causou. Assim, todo o ser do homem é contaminado por essa motivação apóstata, incluindo a razão (KALSBECK, 2015, pág. 56-57).

No entanto, Dooyeweerd diz que a Queda não afeta as estruturas criadas ou a sua ordem:

Nem as estruturas dos vários aspectos da realidade, nem as estruturas que determinam a natureza das criaturas individuais, nem os princípios que regulam as ações humanas são alterados pela Queda (DOOYEWEERD apud KALSBECK, 2015, pág. 57).

Assim, as leis da lógica, física, espaço, biologia, ou qualquer outro aspecto ainda funcionam e são válidos após a Queda. No entanto, a motivação humana ao experimentar esses aspectos é em rebeldia ao Criador (KALSBECK, 2015, pág. 57).

É apenas por meio da *redenção* que o coração humano é regenerado e inicia-se um processo de restauração. Dooyeweerd, no entanto, entende que essa conversão não implica em um perfeito estado de consciência (sem a ausência do pecado). E nem que os cristãos são pessoas de razão elevada que possuem um privilégio que se compara ao papel do filósofo para Aristóteles. O pecado ainda influencia a vida de todas as pessoas e o cristão é falível e defeituoso por causa disso (KALSBEEK, 2015, pág. 53).

Além desse ato no crente – a chamada graça salvadora, Dooyeweerd aponta para outro efeito graça de Deus que é a *graça comum*. Os efeitos do pecado seriam mais devastadores se Deus não restringisse o mal. A própria sobrevivência na terra seria impossível caso isso não ocorresse. Assim, Deus restringe o mal para que os relacionamentos humanos sejam possíveis mesmo que possuam religiões diferentes. Inclusive Dooyeweerd acredita que o Estado existe por meio da graça comum (KALSBEEK, 2015, pág. 58) (TAYLOR, 1969, pág. 533).

Esse motivo-base neocalvinista que impulsionou toda a filosofia de Herman Dooyeweerd. É necessário entendê-lo para compreender a consequente sociologia e teoria política do filósofo. Dooyeweerd acreditava que apenas por meio de um motivo-base correto seria possível construir uma visão correta da realidade e suas estruturas. A partir do que foi dito, é possível se pensar numa teoria não reducionista da sociedade e do Estado.

5. UMA TEORIA NÃO REDUCIONISTA DA SOCIEDADE E DO ESTADO

Vimos até agora os princípios da filosofia de Herman Dooyeweerd. Começamos construindo a teoria da realidade de Dooyeweerd a partir dos aspectos modais – como ele enxerga o mundo. Depois apresentamos a crítica de Dooyeweerd ao pensamento teórico e como este abstrai um aspecto do elo contínuo com os outros, e, feito isso, concentra o seu ponto de apoio epistemológico nele.

Com base nisso, o ser-humano deposita sua confiança absoluta em um aspecto que é absolutizado e direciona todo o pensamento dele. Por causa disto, percebe-se a dificuldade de se definir religião com as crenças secundárias que se originam a partir dessa absolutização. Por fim, descrevemos a análise que Dooyeweerd faz do pensamento ocidental e como os motivos base influenciaram a ideia de sociedade.

Como o propósito deste trabalho é aplicar o pensamento do autor ao ideal de Estado Laico. Será necessário entendermos como ele enxerga a sociedade e o Estado antes de concluirmos. Dooyeweerd, como dito antes, sofreu grande influência de Kuyper. E isso impactou diretamente a sua noção de sociedade, como veremos seguir.

5.1. A Sociedade, segundo Dooyeweerd

Como o Estado e a Igreja devem se relacionar? Segundo Koyzis, Kuyper pensaria que essa questão reduz o problema real. Ao invés disso, a pergunta deveria ser: “Quais as relações adequadas entre Igreja, Estado, casamento, família, escola, empresas e uma série de associações voluntárias?” (KOYZIS, 2017, pág. 879).

Já foi mencionada a ideia de Soberania das Esferas de Kuyper. É a partir dela que Dooyeweerd constrói sua visão de sociedade. Assim, é rejeitado qualquer visão hierárquica da sociedade como um todo. Apesar de existir hierarquias dentro de cada esfera (governos municipais, estaduais e federais), as outras instituições não são vistas como partes do Estado, por exemplo (CLOUSER, 2005, pág. 290).

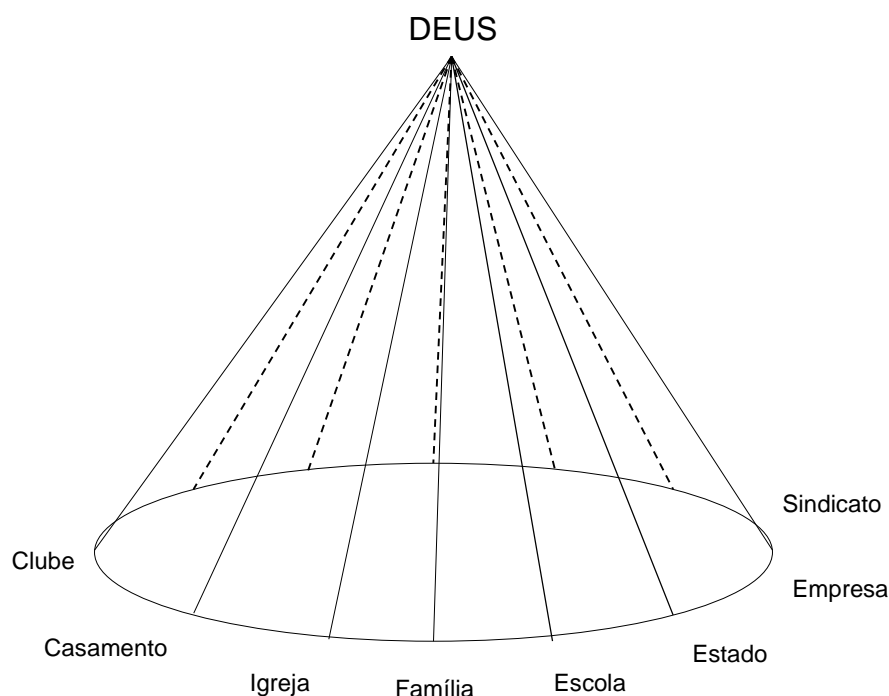
A soberania de cada esfera refreia o problema do totalitarismo. Kuyper diz que "sem esfera de soberania, o Estado tem poder ilimitado para comandar, decidindo sobre as pessoas, suas vidas, seus direitos, suas consciências, e mesmo suas crenças" (KUYPER apud KALSBECK, 2015, pág. 82).

Clouser nota que “assim como nenhum outro aspecto modal é mais real ou a fonte de qualquer outro, assim também existem esferas irreduzíveis da vida social em que nenhuma é mais real que ou a fonte de qualquer outra” (CLOUSER, 2005, pág.

291). Existe a esfera da família, do Estado, da igreja, das empresas, sindicatos, e a lista é tão diversa quanto a sociedade referida é complexa.

Dessa forma, a sociedade é pluriforme, composta a partir de uma variedade de agentes, que são soberanos na sua esfera. Nenhuma é superior ou inferior a outra. Além disso, toda soberania terrena provém de Deus. Devemos obedecer ao Estado (ou qualquer autoridade legítima) porque a sua soberania (ou autoridade) provém do Criador. A figura 2 deve ajudar a enxergar esse quadro. (KOYZIS, 2014, pág. 281-282).

Figura 2 – A sociedade de acordo com a doutrina da soberania das esferas



Fonte: KOYZIS, 2014, pág. 280

A soberania das esferas possui implicações importantes para o entendimento da sociedade, como o problema da fonte da autoridade, por exemplo. Clouser lida com o problema do individualismo e coletivismo. O primeiro diz que o indivíduo é a unidade social básica, sendo este capaz de viver sem comunidades. Alguns individualistas afirmam que comunidades sociais não existem de verdade. O segundo afirma que a comunidade é essa unidade social básica, assim o indivíduo é visto apenas como uma parte do todo (CLOUSER, 2005, pág. 280-281).

Dependendo da visão, é possível encontrar a fonte da autoridade no próprio indivíduo ou em alguma forma de comunidade (geralmente o Estado). Assim, Koyzis diz que “o mundo busca a uniformidade sufocante que apague todas as distinções legítimas encontradas na criação de Deus, mas faz isso na imitação do plano divino, que é unificar a criação em si mesmo.” (KOYZIS, 2017, pág. 881). Dooyeweerd diz que o direito natural humanista:

reconhece apenas "direitos constitucionais" do indivíduo, mas julga mal e nivela as estruturas sociais genuínas como elas têm sido incrustadas na ordem cósmica temporal por meio da vontade soberana de Deus como Criador. É por isso que o humanismo, quando aborda a relação entre o Estado e outras estruturas sociais, só é capaz de basear essa relação em direitos naturais (isto é, de nascença) do indivíduo (DOOYEWEERD, 2014, pág. 69).

Como a sociedade possui uma pluralidade de comunidades sociais distintas das outras, convém que compreendamos bem a finalidade de cada uma delas. Isto é essencial para distinguir o papel e os limites de cada uma delas. Clouser, baseado em Dooyeweerd, diz que as instituições sociais são caracterizadas fundamentalmente por dois aspectos, que são chamados de (1) *função fundante*, o aspecto cujas leis governam o processo de mudança pelo qual o artefato humano é produzido; e (2) *função condutora (ou qualificante)*, o aspecto cujas leis governam o plano ou propósito que guia o processo pelo qual o artefato humano é produzido (CLOUSER, 2005, pág. 267 e 270).

À exceção do casamento e da família, todas instituições sociais possuem a função fundante no aspecto histórico. Isso porque elas são criações humanas, enquanto que o casamento e a família são enraizados no aspecto biótico do ser humano (CLOUSER, 2005, pág. 272).

Porém, apesar da família ou casamento serem produzidos biologicamente, por exemplo, não devemos explica-los apenas assim. É necessário apontar para a função condutora que expressa o propósito da instituição, que, no caso, é o amor (DOOYEWEERD, 2014, pág. 85).

Dessa forma, é errado entender o funcionamento do Estado como o de uma empresa ou como se fosse uma grande família. Segundo Dooyeweerd, um dos erros de Weber foi pensar o Estado moderno como "um negócio econômico de larga escala" (DOOYEWEERD, 1984, VOL. III, pág. 386).⁸ Cada comunidade social possui os seus

⁸ Todas as traduções desta obra foram de minha autoria.

propósitos e natureza distinta. É essencial que apresentemos o propósito do Estado para então concluirmos a respeito do seu caráter laico (KASLBEEK, 2015, pág. 83).

Tabela 6 – O alcance das comunidades sociais através dos diversos aspectos

Aspecto	Família	Empresa	Estado	Igreja
Pístico				C
Ético	C			
Jurídico			C	
Estético				
Econômico		C		
Social				
Simbólico				
Histórico		F	F	F
Lógico				
Sensitivo				
Biótico	F			

F = Função fundante; C = Função condutora

Fonte: Clouser, 2005, pág. 301

5.2. O Estado, segundo Dooyeweerd

Dooyeweerd, então, pergunta: "Qual o princípio estrutural do Estado?". De acordo, com o autor, a sua função fundante está no aspecto histórico. Isso significa que deve acontecer uma formação histórica de poder, no qual a organização possui um poder da espada monopolístico sobre o seu território (DOOYEWEERD, 2014, pág. 85-86).

Segundo Jonathan Chaplin, o conceito de Estado para Dooyeweerd não pode ser separado do monopólio da coerção, sendo este uma pré-condição para o surgimento e a continuação de um Estado genuíno (CHAPLIN, 1995, pág. 26). O argumento dele parte de uma análise das evidências históricas. Assim Dooyeweerd afirma que: "nunca existiu um Estado na qual suas estruturas internas, em última instância, não foram baseadas no poder armado organizado, que no mínimo reivindicaram a capacidade de quebrar qualquer resistência armada [...] dentro de seu território." (DOOYEWEERD, 1984, VOL. III, pág. 414).

Clouser concorda que o Estado precisa ter o monopólio do poder da força em seu território para existir. A questão é que essa exclusividade possui uma destinação especificamente jurídica, que é a de promulgar leis para administrar a justiça pública. Assim, a função condutora do Estado se encontra na esfera jurídica (CLOUSER, 2005, pág. 306-307).

Kalsbeek diz que é preciso diferenciar propósitos, fins ou metas que um Estado pode ter de sua função condutora. Os governos podem ter propósitos específicos por um período de tempo, como uma educação básica pública, leis de combate à poluição, corrupção, inflação elevada, entre outros. Porém, a função condutora tem por finalidade guiar a função fundante. Em outras palavras, o poder monopolístico do Estado deve ser direcionado pelo direito, e o direito precisa do poder coercitivo para ser efetivo. O poder coercitivo Estatal não pode ser sem limites. O Estado deve estar sujeito a constituição (KALSBECK, 2015, pág. 188-190).

O Estado tem como função a administração da justiça pública. Todos os indivíduos e estruturas sociais possuem e são capazes de exercer os seus respectivos ofícios. Portanto, o governo precisa reconhecer, proteger e potencializar o livre exercício de cada comunidade social (KASLBEEK, 2015, pág. 190).

6. A LAICIDADE DO ESTADO

A partir do que foi falado é possível formar as bases do que seria a laicidade do Estado para Dooyeweerd. Foi apresentado a ideia sociológica da teoria de Dooyeweerd. De acordo com ela, a sociedade possui uma pluralidade de instituições sociais que possuem uma autoridade legítima em suas respectivas esferas. A noção de Estado também é relevante para se pensar o papel dela no país.

A consequência óbvia da filosofia de Dooyeweerd é a impossibilidade de haver uma separação real entre religião e política. O problema se inicia com a dificuldade de se definir religião. E ele prossegue com o político sendo incapaz de separar a sua fé do restante das suas ideias, pois é ela a responsável por direcionar todo o seu pensamento, como visto anteriormente (KASLBEEK, 2015, pág. 198).

6.1. O problema do Estado confessional

Assim, um problema pode surgir: se há uma impossibilidade de haver neutralidade religiosa, então o Estado deveria ter um caráter confessional ou religioso. Dooyeweerd reconhece que este é um problema primariamente estrutural. É necessário analisar a estrutura interna do Estado para ver se há a possibilidade de um caráter confessional nessa instituição (KASLBEEK, 2015, pág. 198).

Apesar do Estado ter sua função condutora no aspecto jurídico, ele ainda funciona em todos os aspectos, pois é uma criação humana e, portanto, funciona no aspecto da fé (KALSBECK, 2015, pág. 198).

Dooyeweerd, no entanto, afirma que é fundamentalmente errado pensar no Estado como se sujeitando à igreja e utilizando do seu poder para suprimir doutrinas consideradas hereges pela igreja ou propagando a fé pelos recursos estatais. Essa visão é fundada no motivo escolástico e, segundo o autor, deve ser rejeitada (DOOYEWEERD, 1984, pág. 501).

Ainda que todos os cidadãos de um país, seus governantes e servidores comungassem na mesma igreja institucional, ainda não poderíamos, necessariamente, falar de um Estado cristão, pois é a estrutura da instituição social que nos informa as suas características (KALSBECK, 2015, pág. 199).

Segundo Kalsbeek, Dooyeweerd afirma que o Estado não deve se vincular a uma confissão de fé eclesial. Isso porque o Estado não possui uma função qualificada no âmbito da fé, ainda que seus integrantes sejam. "O Estado deve ser

uma comunidade pública legal de acordo com sua função guia interna." afirma Kalsbeek (KALSBEEK, 2015, pág. 199).

Para Clouser, um Estado cristão é o Estado que não favorece o cristianismo. O papel dessa instituição não é apoiar ou proteger a fé cristã (ou qualquer outra), mas sim de proteger a ordem pública aplicando a justiça com o poder que possui (CLOUSER, 2005, pág. 319).

6.2. Cinco visões sobre o papel da religião na esfera pública

Jonathan Chaplin, um autor dooyeweerdiano contemporâneo, analisa diretamente o papel da religião na esfera pública. Chaplin (2016) discute o crescente debate na Europa (especialmente na França) sobre a relação da religião e do Estado após os ataques terroristas muçulmanos a Charlie Hebdo,

Há uma estrita separação entre Estado e religião (utilizo o significado popular do termo) na França que remontam desde a Revolução Francesa. E apesar dos países europeus não serem homogêneos quando se trata sobre a separação de religião e Estado os problemas presentes na França estão progressivamente convergindo com aqueles que estão surgindo no resto da Europa (CHAPLIN, 2016, pág. 358 e 359).

Os Estados estão sendo compelidos a repensar as suas premissas sobre o lugar da religião na esfera pública, principalmente por causa da pluralização que os países europeus estão obtendo nas últimas décadas (CHAPLIN, 2016, pág. 359).

Chaplin separa cinco respostas sobre o papel da religião na esfera pública que, segundo ele, dividem as opiniões sobre o tema na França: a posição secularista liberal, a nacionalista conservadora, a multiculturalista radical, a posição da Nova cristandade e a po pluralista de princípios (CHAPLIN, 2016, pág. 360-361).

Segundo Chaplin, a posição secularista liberal continua sendo a dominante na França. Ela busca garantir que a religião seja mantida longe do poder público. Isso porque essa posição acredita que ela é uma ameaça à ordem racional do Estado (CHAPLIN, 2016, pág. 361).

Olivier Roy se refere a isso como *laicidade ideológica*, que é uma interpretação ideológica e filosófica da laicidade, ela afirma conseguir prover um sistema de valores que é comum a todos os cidadãos ao confinar a religião à esfera privada. Roy contrasta essa interpretação com a *laicidade legal*, que é um conjunto de leis com um propósito modesto de regular a relação entre religião e Estado (ROY, 2007, pág. xii).

A segunda posição, o nacionalismo conservador, é motivada a defender as tradições específicas do seu país contra as outras tradições e religiões dos imigrantes. Em contraste com as duas anteriores, o multiculturalismo radical, busca defender um direito universal a diferenças étnicas e religiosas (CHAPLIN, 2016, pág. 361).

A quarta visão, que ele chama de a posição da *Nova Cristandade*, argumenta que os valores fundamentais que sustentam uma democracia liberal justa e estável são derivados do Cristianismo. Eles buscam retomar alguma forma de privilégio a partir do reconhecimento público oficial do cristianismo (CHAPLIN, 2016, pág. 362).

6.3. Pluralismo de princípios

A última visão, o pluralismo de princípios, é a adotada por Chaplin e, segundo ele, também se encontra no movimento Neocalvinista holandês. Nessa visão, o Estado permitiria o livre debate entre as diferentes religiões para promover o bem comum (CHAPLING, 2016, pág. 364-365).

Ele apresenta uma distinção feita por Rowan Willians, na qual ele defende o que ele chama de *laicidade processual*. Ela assegura um espaço livre para a articulação de religiões e visões de mundo distintas, com o Estado sendo o mediador. Assim, impedindo a imposição de uma visão de mundo secularista – a chamada laicidade programática (CHAPLIN, 2016, pág. 364).

Ele diz que essa ideia tem por base quatro princípios protestantes: (1) o dever de cultivar a paz com o próximo, que inclui pessoas de outras religiões; (2) a liberdade de fé, na qual ela precisa ser livremente adotada e nunca imposta, pois, assim, nunca seria uma fé genuína; (3) a autonomia da igreja, pois ela precisa ser livre da interferência política do governo vigente; e (4) o mandato limitado do Estado, pois ele possui uma tarefa limitada de preservar uma ordem pública de justiça e bem comum (CHAPLIN, 2016, pág. 366-368).

CONCLUSÃO

Este trabalho tratou sobre como a visão de mundo neocalvinista, mais particularmente a de Herman Dooyeweerd, pode ser aplicada à noção de Estado Laico. É importante notar que a proposta deste trabalho foi apenas descrever de maneira breve a filosofia do autor, visto a limitação de tempo e análise das fontes que tive acesso.

Foi exposto a teoria da realidade de Herman Dooyeweerd, e como ele a enxerga a partir dos aspectos modais. Há uma diversidade de aspectos na qual experimentamos as coisas e, apesar de todas serem irreduzíveis e terem cada uma a sua própria identidade, existe um elo contínuo que une toda as modalidades. É na experiência ordinária que experimentamos essa continuidade.

O pensamento teórico abstrai um desses aspectos desse elo e tenta explicar todos os outros a partir dele. Seja acreditando que ele é o único verdadeiro ou que ele gera a existência de todos os outros. Isso é o que Dooyeweerd entende por absolutização – uma atitude religiosa.

Essa absolutização é o que Dooyeweerd entende por religião. E ela que direciona todo o pensamento racional e limita a compreensão da realidade para uma perspectiva reducionista. Assim, é possível entender que fé e razão não são opostos, mas que são parte de algo integral.

Dooyeweerd apresenta como esse processo se deu na cultura ocidental. Além disso, foi apresentado as conseqüentes visões políticas originadas a partir dos motivos base de cada época.

A visão sociológica e política de Dooyeweerd é resultado direto de sua religião, assim como cada outra filosofia política é resultado de outras religiões. A ideia da Soberania das Esferas é capaz de oferecer importantes implicações para a vida política do Brasil, pois ela apresenta uma pluralidade de comunidades sociais que são frequentemente esquecidas ou negligenciadas por causa do Estado.

Por fim, as contribuições para se pensar a Laicidade do Estado foram demonstradas no último capítulo. Não é possível, segundo Dooyeweerd, imaginar uma visão de mundo que seja religiosamente neutra e, assim, deve tratar todas elas com imparcialidade.

Uma das objeções que podem ser levantadas a respeito das conseqüências de tal ideia é a que pode gerar divisão e isolamento entre as diversas comunidades, pois

se cada pensamento deriva de uma crença religiosa, é impossível todos falarem uma língua comum e o destino óbvio é viver cada um com sua linguagem como na ocasião da Torre de Babel.

Clouser diz, e eu concordo, que descobrir as raízes religiosas do pensamento não necessariamente gera intolerância. Ao invés disso, isso possibilita uma comunicação muito mais frutífera entre as diversas cosmovisões. Além disso, ao olharmos para nossas próprias pressuposições religiosas, podemos ter um maior espírito de humildade intelectual e respeito mútuo (CLOUSER, 2005, pág. 328).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Guilherme. O dualismo natureza/grça e a influência do humanismo secular no pensamento social cristão. In: **Cosmovisão cristã e transformação**. Minas Gerais: Editora Ultimato, 2006.

CHAPLIN, Jonathan. **Dooyeweerd's notion of societal structural principles**. *Philosophia Reformata*, Volume 60, Issue 1, pages 16 – 36. 1995.

_____. **Liberté, Laïcité, Pluralité - Towards a Theology of Principled Pluralism**. *International Journal of Public Theology*, Volume 10, Issue 3. 2016.

CLOUSER, Roy A. **The Myth of Religious Neutrality: An Essay on the Hidden Role of Religious Belief in Theories, Revised Edition**. Indiana: University of Notre Dame Press. 2005.

DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought Vol I**. Ontario: Paideia Press LTD, 1984.

_____. **A New Critique of Theoretical Thought Vol III**. Ontario: Paideia Press LTD, 1984.

_____. **Estado e soberania: ensaios sobre cristianismo e política**. São Paulo: Vida Nova. 2014.

_____. **No crepúsculo do Pensamento: Estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento**. São Paulo: Editora Hagnos, 2010.

_____. **Raízes da cultura ocidental**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

_____. **The Secularization of Science**. Christian Studies Center, 1954.

KALSBECK, L. **Contornos da Filosofia Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

KNUDSEN, Robert D. "A doutrina da ciência de Dooyeweerd". In: **Coram Deo: a vida perante Deus**. Brasília: Editora Monergismo, 2017.

KOYZIS, David T. **Visões e Ilusões Políticas**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

_____. "Abraham Kuyper e as alegações pluralistas do projeto liberal. In: **Coram Deo: a vida perante Deus**. Brasília: Editora Monergismo, 2017.

KUYPER, Abraham. **Sabedoria e Prodígios: Graça comum na ciência e na Arte**. Brasília: Editora Monergismo, 2018.

OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. **Philosophando Coram Deo: uma apresentação panorâmica da vida, pensamento e antecedentes intelectuais de Herman Dooyeweerd**. *Fides Reformata XI*, Nº 2: p. 73-100, 2006.

ROY, Olivier. **Secularism confronts Islam**. New York: Columbia University Press, 2007.

SMITH, James K. **The Collected Works of Herman Dooyeweerd. In the Twilight of Western Thought**. Edwin Mellen Press Ltd. 1999.⁹

SWAIN, Scott R. O Ser e os Atributos de Deus. In: **Teologia da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

TAYLOR, E. L. Hebden. **The Christian Philosophy of Law, Politics and the State**. New Jersey: The Craig Press. 1969.

⁹ Smith foi o responsável por uma tradução do livro para o inglês em 1999. Além de fazer uma série de correções textuais, ele subdividiu o texto em seções, fundiu vários parágrafos para melhorar a leitura e acrescentou notas de rodapé com explicações e informações contextuais. Essas notas de rodapé foram utilizadas na versão brasileira utilizada neste trabalho (DOOYEWEERD, 2010, pág. 299-300).